

SITUAÇÕES PROBLEMA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL: NARRATIVAS DAS RESOLUÇÕES DE CRIANÇAS DE 4 ANOS

Data de aceite: 03/07/2023

Alexandra da Silva Campos
EMEB/SME

RESUMO: A presente pesquisa teve como inspiração o desafio em trabalhar a matemática, mais precisamente a resolução de problemas na educação infantil, partindo de uma obra literária, para investigar como a literatura infantil pode enriquecer o trabalho com a matemática e principalmente a partir de situações problema. Consideramos que é possível nortear todo um planejamento voltado para as noções matemáticas de forma desafiante e lúdica juntamente com a literatura infantil, valorizando os conhecimentos prévios das crianças. Optou-se metodologicamente por uma pesquisa qualitativa e para fins de análise foi desenvolvido um plano de ação que posteriormente foi analisado e organizado em 3 categorias para melhor descrever as conjecturas lançadas pelas crianças participantes da pesquisa, que foi realizada em uma Escola Municipal de Cuiabá-MT com um grupo de 23 alunos de 4 anos. Diante das hipóteses apresentadas pelos integrantes deste estudo, ficou evidente que a literatura infantil em conexão com a

matemática são elementos fundamentais para desenvolver condições pertinentes ao desenvolvimento das noções matemáticas e da atuação da criança protagonista no contexto da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVES: Educação infantil. Literatura infantil. Noções matemáticas. Resolução de problemas.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objetivo investigar como crianças de 4 anos manifestam suas hipóteses de resoluções de problemas a partir da história “Quem vai ficar com o pêssego”. O contexto da pesquisa foi uma turma da pré-escola de uma EMEB do município de Cuiabá, com 23 crianças como participantes. A metodologia da pesquisa foi de abordagem qualitativa com análise interpretativa dos dados a partir de um Plano de Ação. Os instrumentos de construção dos dados foram desenvolvidos através das narrativas e observações feitas pelas crianças. No primeiro momento foi proposto às crianças que analisassem os elementos da capa do

livro, assim, logo demonstraram seus conhecimentos de mundo através da oralidade. Em seguida foi contada a história pela professora que fez algumas indagações na perspectiva de situação problema. Todas as situações problemas foram discutidas coletivamente e solucionadas pelas crianças a partir dos conhecimentos prévios, das observações, e das hipóteses levantadas por elas com base nas ilustrações do livro. Os alunos sentiram a necessidade de quantificar, mesmo que ainda não a façam de forma convencional, assim como também construíram e interpretaram gráficos a partir das situações propostas pela professora de maneira bastante participativa.

21 A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças foram invisíveis aos olhos das autoridades e da sociedade em geral por muito tempo, na verdade elas eram vistas como pequenos adultos, e tinham pouca expectativa de vida.

Foram criadas então instituições com caráter assistencialista, que visavam a saúde e a preservação da vida, creches e pré-escolas com a função de cuidar, para que as mães pudessem trabalhar, mas tudo isso longe do fator educacional (KUHLMANN, 2000).

Nesse período surge a preocupação da Política Educacional, porém, sempre com a divisão de classes sociais, para a criança pobre uma educação assistencialista, para a elitizada uma educação voltada para os aspectos pedagógicos.

O direito a educação infantil de 0 a 6 anos é reconhecido constitucionalmente no Brasil no final dos anos 1980, mas, somente em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN- lei nº 9.394) insere a educação infantil como o início da educação básica, assumindo assim a função de agregar os papéis de cuidar e educar no sistema educacional brasileiro. Deu-se início então a uma fase de investimentos e estudos na área, mas o foco dessas ações políticas segundo Freire (2007), era visto sob uma perspectiva gerontocrática, ou seja, ainda não se reconhecia a criança como um sujeito histórico e de direitos, mas como um ser que deve obedecer a ordens de acordo com as necessidades dos adultos.

Tem se então na educação infantil algumas prioridades que são os pilares que norteiam as primeiras práticas, voltadas para o cuidado com a higiene, o controle da sexualidade e a organização. Dentro deste último por exemplo, o brincar é visto como desordem, que pode ocorrer se autorizado e orientado por um adulto, quando não, evitado.

Seguindo uma série de equívocos, as creches foram privadas de formação docente, e se limitando apenas ao cuidar, enquanto que para a pré-escola atribuía a função de alfabetizar, “nesse contexto, perdeu-se a criança e o seu processo formativo” Freire (2007), tornando-se creche e pré-escola um lugar desprovido de objetivos pedagógicos.

Segundo Freire (2007, p. 99), “Efetivamente, tem se cuidado e educado as crianças pequenas, tanto em creches quanto em pré-escolas, a mercê da intencionalidade

pedagógica dos educadores”, um quadro que precisava mudar imediatamente.

Surge então a educação emancipatória, onde temos um conceito novo do que é ser criança:

Os atuais pressupostos da educação infantil assumem uma concepção de criança como ser com vontade própria, capaz e competente, na contradição de todo e qualquer ser humano, nas mais diferentes idades. Porém, seres que conseguem, dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem e construir conhecimento. (FREIRE, 2007, p.100).

A partir desse momento vemos a necessidade de superar as práticas existentes na educação infantil, por algo que priorize as necessidades da criança e não do adulto, como era quando se tinha apenas uma visão gerontocrática, algo que valorize o imaginário infantil, um espaço narrativo, que permita que adultos e crianças sejam igualmente respeitados e reconhecidos também com suas especificidades. Nesse sentido,

[...] compreender que a educação infantil sugere a construção do ser humano na relação com o outro e que esse processo está diretamente ligado às questões relativas ao respeito, à democracia, à criatividade, à afetividade e à autonomia. Isso requer uma revisão dos discursos e dos significados tradicionalmente propagados. (FREIRE, 2007, p.101)

Sendo assim, a escola como espaço narrativo, tão necessário para o desenvolvimento da criança, tem total relevância para o aprendizado, tendo ambientes e espaços adequados e criados de maneira que proporcionem por si só um espaço de aprendizado, de relações e interações, um ambiente pensado pelo profissional da educação que permita a imaginação e a criação, para que tenhamos um espaço como elemento curricular e que possamos colocar em prática. Nesse sentido, o conceito de ambiente segundo Zabalza, citado por Forneiro (1998, p. 233) é

[...] procedente do latim e faz referência “ao que cerca ou envolve”. Também pode ter a acepção de “circunstâncias que cercam as pessoas ou as coisas”. De um modo mais amplo, poderíamos definir o ambiente como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferente. Forneiro (Zabalza-1998, p.233).

Dessa forma, o governo, as instituições e os profissionais da educação infantil, bem como a família e toda a sociedade, tem o dever de proporcionar bem-estar, saúde, educação, respeito e dignidade a todas as crianças independente da classe social.

De acordo com os documentos que norteiam a educação infantil, como por exemplo “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica” (Brasil-2013), o BNCC- Base Nacional Comum Curricular (abril-2016) e a Matriz Curricular de Referência - educação infantil 3 a 5 anos (Prefeitura de Cuiabá, 2011), as instituições educativas devem apresentar

uma proposta pedagógica fundamentada no desenvolvimento integral da criança, garantindo-lhe alguns direitos que devem ser respeitados, como o direito de conviver, de brincar, de participar, de explorar, de se expressar e de conhecer-se, e cabe as instituições propor e organizar situações para que isso ocorra através das interações com o meio e das próprias produções utilizando-se de várias linguagens.

Ao considerar, neste estudo, o processo histórico que envolve algumas concepções de criança, compreende-se que criança é uma pessoa que tem seus sonhos, desejos, que cria, imagina, que questiona e constrói sentidos (BRASIL, 2010, p.12).

Nessa perspectiva, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, deve garantir o direito ao acesso nas instituições de educação infantil, e que esta contemple em sua proposta pedagógica os princípios éticos, políticos e estéticos, tendo como eixos norteadores das práticas pedagógicas da educação infantil, as interações e a brincadeira (BRASIL, 2010, p.16 - 25).

3 | LITERATURA INFANTIL E SITUAÇÕES PROBLEMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Muitas vezes a matemática é ignorada na educação infantil devido ao pensamento equivocados de que a criança nessa faixa etária não teria condições/capacidades suficientes para lidar com a abstração e com os conhecimentos específicos que a área exige, contrariando toda a vivência de mundo dessa criança.

A partir dos estudos, análises e reflexões realizadas e voltadas para a matemática, percebemos a falha do profissional de educação em não oferecer condições favoráveis ao desenvolvimento das capacidades matemáticas nos alunos da pré-escola, e o quanto é importante e relativamente fácil propor esse contexto, pois a criança, em sua relação com o mundo, estabelece infinitas ligações com diversas áreas do conhecimento, inclusive na área da matemática, cabendo ao professor mediar e potencializar tais conhecimentos a partir de brincadeiras, músicas, histórias, ou sempre que perceber a oportunidade.

Um bom exemplo disso podemos ver com Smole no livro “Matemática e Literatura infantil” onde ela considera:

[...] importante aproximar o ensino da matemática e o ensino da língua materna, percebemos que o trabalho com a matemática da pré-escola à quarta série seria enriquecido se pudesse ser feita uma conexão com a literatura infantil, isto é, acreditamos que literatura poderia ser um modo desafiante e lúdico para as crianças pensarem sobre algumas noções matemáticas e, ainda, servir como um complemento para o material tradicionalmente utilizado nas aulas: a lousa, o giz e o livro didático. (SMOLE, 1995, p.12)

Partindo de algo prazeroso e significativo o aprendizado terá mais sentido, e dessa forma estaremos estimulando os alunos desde a pré-escola a resolver problemas e a ter uma boa relação com a matemática tão usada e necessária em nosso dia a dia.

De acordo com os estudos realizados na área de educação, mais especificamente na área da educação infantil, a criança precisa ouvir histórias para estimular a linguagem oral, a curiosidade pela linguagem escrita, para ter experiências que possibilitem seu crescimento e aprendizado, os desafios e problemas que surgem durante a contação de história, a imaginação que é desenvolvida nesse momento, enfim, são tantos os benefícios, que a história proporciona que isso deve ser usado pelas escolas como aliado na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Smole e seus colaboradores,

A literatura infantil tem sido apresentada como uma prática pedagógica aberta, atual, que permite à criança conviver com uma relação não passiva entre a linguagem escrita e falada. De algum modo a literatura aparece à criança como um jogo, uma fantasia muito próxima ao real, uma manifestação do sentir e do saber, o que permite a ela inventar, renovar e descordar. (SMOLE, 1995, p.11)

Nesse sentido, a literatura infantil se torna uma aliada importantíssima para a educação, um estímulo lúdico para pensar sobre resolução de problemas, algumas noções matemáticas, e habilidades linguísticas, pois enquanto o aluno explora a literatura para que ele mesmo possa compreender o questionamento que a história trás, várias áreas do conhecimento estão sendo exploradas ao mesmo tempo, mas para isso, algumas estratégias como a literatura infantil por exemplo, deverá fazer parte dos recursos utilizados.

Um exemplo disso, é a resolução de problemas, uma atividade complexa que tem sido tratada nas escolas, em sua maioria, apenas de forma convencional, que transforma todo um processo de investigação em uma busca frenética por uma sentença matemática (SMOLLE, 1995, p.17), ignorando assim situações que exijam criatividade, análise e comparação, vivência, organização do conhecimento, etc. Sob este enfoque, um bom problema deve ser interessante, desafiador e significativo para o aluno, permitindo que ele formule e teste hipóteses e conjecturas. (SMOLLE, 1995, p.18)

Ao se deparar com situações problema, o aluno tem a possibilidade de utilizar de seus conhecimentos prévios e estabelecer conexões com os saberes matemáticos utilizados em sala de aula. Quando essa situação problema é proporcionada pela literatura, o aluno tem a oportunidade de criar diversas possibilidades de resolução, sem se preocupar com a “conta” ou com a “resposta certa”. Essa forma de apresentar a situação problema, estimula a capacidade de interpretação e a prática da literatura infantil juntamente com a resolução de problemas:

[..]permite aos alunos e professores utilizarem e valorizarem, naturalmente, diferentes recursos na busca por uma solução, tais como desenho, oralidade, dramatização, tentativa e erro, que são normalmente esquecidos no trabalho tradicionalmente realizado nas aulas. (SMOLE, 1995, p.20)

Através desses estudos, surgiu a necessidade de investigar e ir a campo observar como acontece o processo do tratamento e organização da informação, a criatividade e

os registros pictóricos de crianças de 4 anos diante de situações problema, partindo da literatura infantil.

4 | A PESQUISA

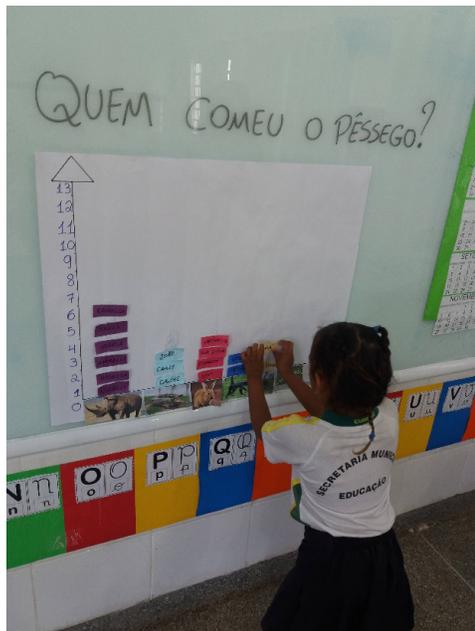
A referida pesquisa foi realizada na EMEB Maria Elazir Corrêa de Figueiredo, situada no bairro São João Del Rey, na cidade de Cuiabá -MT, em uma região tida como periférica, a escola atende desde a educação infantil ao 2º ciclo, porém, a pesquisa foi desenvolvida em uma sala de educação infantil I, turma B, com crianças na faixa etária de 4 anos, totalizando 23 alunos, e teve duração prevista para 4 dias, se estendendo para 6 devido ao envolvimento maior dos alunos em algumas atividades, durando mais que o previsto. O processo do tratamento da informação, a criatividade e as hipóteses disseminadas diante de situações problema durante a aplicação da pesquisa, serviu de instrumento para a análise da pesquisa qualitativa.

5 | PLANO E AÇÃO

A partir da obra literária “Quem vai ficar com o pêssego?”, foi planejada uma proposta de intervenção como meio de investigar *in loco* quais hipóteses crianças de 4 anos apresentam como resolução para situações problema desencadeadas a partir da história escolhida, onde em um primeiro momento foi trabalhado a capa do livro, o título da obra, a autora e ilustradora, em seguida a história foi contada sem revelar o final, surgindo assim no decorrer da história várias situações que levaram os alunos a relatarem suas experiências, demonstrando algumas noções matemáticas, como altura, divisão e peso. Logo ao final da história foi construído um gráfico para resolver o primeiro problema: Quem merece ficar com o pêssego na sua opinião? Por quê? Onde os alunos foram votando cada um na sua vez e colando seu voto diretamente em cima do animal escolhido, ao término da votação, com o gráfico já construído, fizemos a análise dos dados, momento esse de grata surpresa, onde os alunos sentiram a necessidade de contar os votos de cada animal, ainda que não o façam de forma convencional, a maioria dos alunos conseguiram identificar qual animal foi o mais votado, mas sentiram dificuldade em descobrir qual teve menos voto, quando utilizada a palavra “nenhum,” rapidamente conseguiram identificar quem não teve votos.

Porém, um aluno em especial se destacou nesse momento, ele votou no coelho, que ao todo obteve quatro votos, dois a menos que o animal mais votado, o rinoceronte, ao analisar o gráfico, o aluno não aceitava que outro animal teve mais votos do que o que ele votou, mesmo com intervenção da pesquisadora, contando os votos e mostrando a diferença de quantidade na reta do próprio gráfico, com ajuda dos colegas ao falarem para ele qual era o animal mais votado, enfim, mesmo depois de tantas tentativas de fazê-lo entender que mesmo ele tendo torcido e votado para o coelho, não é apenas a vontade

dele que conta, mesmo assim o aluno não aceitava, e dizia com toda certeza que era em quem ele votou que tinha “ganhado” a votação.



Ao retomar a história para contar o final, alguns alunos ficaram surpresos pelo desfecho, mas concordaram com o final, já outros não aceitaram muito bem e continuaram defendendo seu animal preferido, uns diziam que era a girafa que merecia por ser a mais alta, outros o rinoceronte porque foi o que obteve mais votos, e a menor aluna da sala, que quase não interage, se identificou:

P: Por que a lagarta mereceu ficar com o pêssego?

Maria Clara: Porque ela é pequenininha!

Em um segundo momento, o pêssego foi o que desencadeou a construção de um outro gráfico, este com o objetivo de saber qual a fruta preferida da maioria dos alunos. Após a votação, o gráfico foi analisado da seguinte forma: a fruta mais votada, a fruta que não teve voto algum, quantos alunos votaram, qual a fruta que ficou em segundo lugar, quantos votos cada fruta obteve, enfim, tudo com muita participação.



De acordo com os relatos podemos perceber que as indagações feitas pela pesquisadora e as respostas dos alunos, refletem as vivências e ensinamentos de cada um, a diversidade e as opiniões próprias, provando assim, que a criança é sim um ser capaz, dotado de capacidades de serem protagonistas de sua própria história, assim como as Diretrizes Curriculares define o sujeito criança.

É possível perceber que alguns alunos já expressam suas opiniões e que algumas

noções matemáticas já são manifestadas com segurança, como por exemplo: alto, dividir, grande, pequeno.

Diante das experiências vividas, compreende-se que os alunos apresentam noções prévias de variados assuntos, pois, fizeram comparações de quantidade ao analisarem os gráficos, percebeu-se também que é bem nítida um reduzido repertório de vocabulário, onde as crianças sentem dificuldade ao tentar explicar algo, faltando-lhe assim o termo apropriado, muitas vezes pela falta de atividades e brincadeiras promovidas com intencionalidade no espaço da Educação Infantil de modo a garantir a construção e ampliação de conhecimentos que correspondem aos direitos das crianças.

CONSIDERAÇÕES ATÉ O MOMENTO

Diante da pesquisa, pode-se afirmar que é oportuno utilizar a literatura infantil como ponto norteador das situações matemáticas propostas pelos professores em sala de aula para que haja significado nas práticas pedagógicas, podendo assim valorizar as experiências e vivências dos alunos.

Evidencia-se que a literatura é uma forma prazerosa de se desencadear várias situações de diversas áreas do conhecimento, sendo um estímulo lúdico também para trabalhar noções matemáticas, e perante as análises realizadas das situações problemas apresentadas, as crianças elaboraram diferentes hipóteses a partir de seus conhecimentos prévios. As crianças foram valorizadas como protagonistas pela pesquisadora e assim revelaram-se enquanto sujeitos dotados de capacidades, conhecimentos e cultura manifestados por meio das narrativas orais e pictóricas, com suas opiniões, experiências, formulação e reformulação do seu próprio ponto de vista sobre diversos assuntos propostos no espaço escolar, assim como, os que fazem parte do seu contexto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de Educação Básica. –Brasília: MEC, SEB,2010.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Matriz Curricular de Referência: educação infantil**. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Políticas Educacionais. Coordenadoria de Currículo/ Grupo de Educação Infantil. Cuiabá, 2011.

FREIRE Andrade, Daniela B. S. **A criança na educação infantil**: por entre Emílias e Chapeuzinhos. Revista de Educação Pública, Cuiabá/MT, V.16, nº31, 2007.

KUHLMANN Jr., M. **Histórias da educação infantil brasileira**. Revista Brasileira de Educação, nº14. Fundação Carlos Chagas, São Paulo.

SMOLE. Kátia C. Stocco, Patrícia T. Cândido, Renata Stancanelli. **Matemática e literatura infantil**. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1995.

ZABALZA. Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.